

Retratos profanados: uma análise sobre morte e fotografia na poesia de Carlos Drummond de Andrade

MARIANE PEREIRA ROCHA¹;
AULUS MANDAGARÁ MARTINS²

¹Universidade Federal de Pelotas – marianep.rocha@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A relação entre fotografia e morte se inicia basicamente com o surgimento da própria fotografia. Como um exemplo, podemos pensar no hábito de fotografar pessoas mortas, que ocorre a partir da segunda metade do século XIX. A fotografia, recém-surgida e ainda pouco popularizada, tinha custos muito altos, de forma que mesmo as famílias com mais dinheiro, frequentemente podiam pagar apenas por um único retrato. Dada as grandes taxas de mortalidade, especialmente de mortalidade infantil, muitas vezes a única oportunidade de fotografar um ente querido era na ocasião de sua morte.

Georges Didi-Huberman (1998) explica que há uma necessidade de preencher a ausência dos rostos que não estão mais presentes e que essa começa desde a pré-história, quando diferentes povos realizavam rituais com os crânios das pessoas mortas, alterando-os e, algumas vezes até mesmo mantendo-as nas casas das famílias, como uma forma de respeito aos ancestrais: “incisados, trepanados, seus orifícios frequentemente aumentados ou artificialmente fraturados, os crânios pré-históricos demonstram uma atenção extrema dada ao destino dos rostos” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 70). De acordo com o filósofo, o que é interessante nesse paralelo entre a manipulação dos crânios e a fotografia é “esta maneira sistemática como o rosto ausente volta, de um modo ou de outro — mas sempre de maneira visual — ao lugar que de quem o enfeita para melhor apresentá-lo. Investigar um lugar para a perda do rosto nada mais é do que arranjar um lugar para que essa ausência se torne eficaz” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 76). Neste sentido, observamos que a fotografia vai manter algo de ritualístico e se tornar, nas palavras de Didi-Huberman, um “objeto cultural”, em que as pessoas vivas intencionam manter uma ligação com aqueles que já se foram, tentando processar suas mortes, entender as ausências e se tornar mais próximos dos que já morreram. Dessa forma, tanto no trabalho com os crânios quanto no retrato “o rosto ausente, convertido em figura local da memória, não terá sido enfeitado senão para voltar e se aproximar sempre mais do rosto dos sobreviventes” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 76).

É nesse viés que o presente trabalho se propõe a analisar o poema “Os mortos” de *Lição de coisas* (1962), de Carlos Drummond de Andrade. Como objetivo geral, espera-se que essa análise seja ferramenta importante para verificar como a fotografia opera na preservação de uma memória que, em Drummond, se apresenta incerta e frágil, bem como para discutir de que forma a noção da impossibilidade de apreensão da totalidade do passado através da memória afeta a constituição da lírica drummondiana. Como objetivos específicos, busca-se investigar a relação entre morte e fotografia no poema analisado e tentar compreender como tal relação afeta as percepções do poeta sobre os movimentos de lembrar e esquecer.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizada a metodologia bibliográfica na perspectiva dos estudos comparados. Essa perspectiva, que de acordo com Carvalhal (1991) consiste em “uma maneira específica de interrogar os textos literários, concebendo-os não como sistemas fechados em si mesmo, mas na sua interação com outros textos, literários ou não” (CARVALHAL, p. 13), irá nos permitir relacionar poemas de Drummond de diferentes períodos, além de servir de base para a relação que será necessária estabelecer entre a linguagem poética e a linguagem fotográfica. Como aporte teórico para a discussão, são utilizadas principalmente as reflexões de Georges Didi-Huberman (1998) e Giorgio Agamben (2007).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na poesia drummondiana, a fotografia vai aparecer frequentemente atrelada à morte e como um objeto que permite ou desencadeia a rememoração dos mortos. São mortos que foram fotografados durante a vida, cujos retratos agora assumem uma importância diferente daquela que tinham quando foram feitos.

No poema “Os mortos”, de *Lição de coisas* (1962), de apenas uma estrofe composta de seis versos, é possível visualizar a relação singular que o eu-lírico drummondiano estabelece com os retratos. Encontramos nesse poema a sugestão de que a fotografia é uma afronta, já que além de agir como este constante lembrete do envelhecimento e da perenidade da vida, ela é também um desafio às regras naturais do esquecimento, uma vez que ao fotografar alguém, estende-se a permanência dos rostos e dá-se a oportunidade de rever a imagem daqueles que já se foram, quando o percurso natural seria que aos poucos, essa imagem se desvanecesse na memória dos vivos. Nessa perspectiva, se faz importante retomar uma discussão feita por Giorgio Agamben (2007), sobre a *museificação* do mundo. De acordo com ele, o museu não é necessariamente um espaço físico ou um local específico, “mas uma dimensão separada para o qual se transfere o que há um tempo era percebido como verdadeiro e decisivo, e agora já não é” (AGAMBEN, 2007, p.73). Agamben explica que “tudo hoje pode tornar-se Museu, na medida em que esse termo indica simplesmente a exposição de uma impossibilidade de usar, de habitar, de fazer experiência” (AGAMBEN, 2007, p.73). Nesse sentido, percebemos que toda fotografia carrega em si essa característica de transferir aquilo que captura para uma esfera separada, onde já não se pode mais, utilizando as palavras de Agamben, “usar” aquilo foi fotografado da mesma maneira que se experimentava antes. Sontag (2004) explica, por exemplo, que já não conseguimos mais aproveitar cenas cotidianas da forma como fazíamos antes, pois o excesso de fotografias terminou por banalizá-las.

Dessa forma, as pessoas fotografadas, no poema aqui analisado, parecem ser transpostas para essa esfera do sagrado, onde muitas vezes a relação que se estabelece com o retrato não é da mesma ordem daquela que era estabelecida com as pessoas ali retratadas. Basta pensar, novamente, na grande importância que algumas pessoas atribuem aos retratos de seus entes queridos falecidos, dando destaque a eles nas estantes, muitas vezes conversando com eles ou, até

mesmo, virando o retrato de costas ao fazer alguma ação que a pessoa retratada reprovaria.

4. CONCLUSÕES

A partir desta análise, ainda parcial, é possível apontar que o gesto do eu-lírico de “Os mortos”, ao andar nu em frente aos retratos de sua família, é uma espécie de *profanação*, ato de devolver ao nosso uso aquilo que tinha sido separado, restituir ao uso dos homens o que tinha sido elevado à esfera do sagrado, conforme definido por Agamben (2007). Se comumente, então, o retrato transforma a pessoa fotografada neste “objeto de museu”, o eu-lírico drummondiano vai na contramão desse gesto, pois ao andar pelado em frente a elas, ele traz os retratos novamente para a esfera cotidiana, para o uso comum. O movimento de profanação aqui, não tem somente os resultados positivos que foram destacados pelo filósofo italiano, já que há também algo de inesquecível naquilo que é sagrado, uma vez que esquecer é uma característica humana. No momento em que os retratos são restituídos ao uso corriqueiro do homem, eles serão, inevitavelmente, esquecíveis e passíveis da deterioração do tempo, característica que fica visível também em outros poemas drummondianos em que a relação entre morte e fotografia está presente, como em “Os mortos de sobrecasaca” de *Sentimento do mundo* (1940).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. O dia do juízo. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BLUME, Sandro. Fotografia mortuária e imagens da boa morte. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, v. 5, n.15, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O rosto e a terra: onde começa o retrato, onde se ausenta o rosto. Trad. Sonia Taborda. *Porte Arte Revista de Artes Visuais*. Porto Alegre: v.9, n. 16, p. 61-82, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [Kindle edition].

VAILATI, Luiz. As fotografias de “anjos” no Brasil do século XIX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.14. n.2.p. 51-71. jul.-dez. 2006.